O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 4 | Nº 11 | Boa Vista | 2020

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

http://doi.org/10.5281/zenodo.4244891

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.revista.ufrr.br/boca

A RECONSTRUÇÃO DA ORGANIZAÇÃO ANARQUISTA: HISTÓRIA E INFLUÊNCIA DO COLETIVO PRÓ-ORGANIZAÇÃO ANARQUISTA EM GOIÁS

Juliana Antunes de Lima Costa[1]

Matheus Felipe Gomes Dias[2]

Resumo

O presente trabalho posta-se a analisar o Coletivo Pró-Organização Anarquista em Goiás (COPOAG), organização surgida em meados dos anos 90. Objetiva-se analisar, especificamente, como se dá seu surgimento, quais conflitos lhe acompanharão e, sobretudo, como a mesma colaborou para a reconstrução do anarquismo em solo goiano, sendo a primeira organização especificamente anarquista em recorte espacial. Para tanto, utilizou-se bibliografia que tratasse do que vem a ser anarquismo, quais os seus objetivos e métodos de luta, buscando compreender os ideais que vinham a substanciar o coletivo. Atrelado a isso, no intuito de se traçar uma história do COPOAG - o qual não possui grande volume de documentos - entrevistou-se o professor da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), ex-militante e cofundador do coletivo, Rafael Saddi.

Palavras chave: Anarquismo; COPOAG; Goiás; História; Rafael Saddi.

Abstract

The present work poses itself to analyze the Collective Pro-Anarchist Organization in Goiás (COPOAG), an organization that emerged in the mid-1990s. The objective is to analyze, specifically, how it emerges, which conflicts will accompany it and, above all, how it collaborated for the reconstruction of anarchism in Goiás soil, being the first organization specifically anarchist in spatial cut. For that, it used bibliography that dealt with what anarchism is, what its objectives and methods of struggle are, trying to understand the ideals that came to substantiate the collective. In order to trace the history of COPOAG - which does not have a large volume of documents - the professor of the Faculty of History of the Federal University of Goiás (UFG), former militant and co-founder of the collective, Rafael Saddi, was interviewed.

Keywords: Anarchism; COPOAG; Goiás; History; Rafael Saddi.

INTRODUÇÃO

O anarquismo, porquanto teoria política desenvolvida ao final do século XIX é, sem dúvidas, uma das correntes mais importantes no seio socialista. Seus eixos teóricos e práticos desdobram-se em uma série de variantes (a título de exemplo, é perspicaz citar o anarco-sindicalismo, anarquismo verde, anarco-comunismo, etc). Entretanto, listando-se características comuns a todos esses desdobramentos, é cabível postar a crítica à autoridade, bem como defesa e afeição da igualdade e liberdade.

[1] Acadêmica do Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail para contato: antunesjuliana27@gmail.com

[2] Acadêmico do Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail para contato: matheusdias543@discente.ufg.br

A influência dos ideais anarquistas, ademais, se manifestará em diferentes localidades e recortes temporais. Transpassando-se esses ao estado goiano, em meados dos anos 90, estabelece-se o COPOAG - Coletivo Pró-Organização Anarquista em Goiás.

Observamos, em análises de documentos históricos, que a influência anarquista se estende ao Brasil com maior força na primeira década do século XX, sendo erupções como a Greve Geral de 1917 parcialmente consequentes das influências desses ideais. Todavia, ainda que com as primeiras influências datadas em tal período, poucas - ou praticamente nulas - serão as organizações eivadas puramente no anarquismo (especifistas).

É nesse viés que surgirá, em Goiás, o COPOAG. O anarquismo, em tal região, se fazia presente de modo notável somente no movimento *anarcopunk*, logo, buscando se desmembrar dessa realidade, bem como formar uma organização especificamente anarquista, eivada em ideais como os de "partido anarquista" makhnovista, ou do "dualismo organizacional", um grupo de indivíduos funda o coletivo em questão.

Contextualizado isso, o presente artigo intenciona abordar alguns pontos acerca da teoria anarquista que serão "chaves" a se entender os ideais que se faziam presentes na COPOAG, a história acerca da formação do coletivo em questão, os conflitos presentes no mesmo, bem como sua influência para a reconstrução do anarquismo no estado.

HISTÓRIA DO ANARQUISMO, TEORIA POLÍTICA E ORGANIZAÇÃO

O anarquismo é, sem dúvidas, umas das teorias político-filosóficas mais relevantes na análise e discussão dos problemas do capitalismo. Desde Proudhon, o anarquismo tem se desenvolvido, criando novas formas de compreensão da realidade social e desenvolvendo mecanismos próprios de intervenção.

Nesse sentido, o anarquismo assume, ao longo do final do século XIX e início do século XX, uma sistematização teórica – e até mesmo cientifica – que corroborou para o surgimento de inúmeras organizações e correntes políticas distintas (CORRÊA, 2013a; WOODCICK, 2014).

Diante disso, Mikhail Bakunin torna-se um teórico demasiadamente importante para o desenvolvimento e constituição do anarquismo. Entre a construção de organizações de atuação mais sistemáticas como, por exemplo, o sindicalismo revolucionário, até de partidos[3] anarquistas. Diferentemente de Proudhon, Bakunin compreendia o anarquismo como um processo de superação do capitalismo, que deveria ocorrer através da auto-organização dos trabalhadores e explorados da

[3] Nesse contexto o partido encontra-se no sentido de associação de indivíduos que possuem a mesma perspectiva, que se associam de modo a atuarem juntos a partir dessa perspectiva. Dessa forma, pode-se observar a existência desses partidos tanto do ponto de vista do anarquismo, quanto dos comunistas na metade do século XIX.

sociedade, ou seja, através da organização do proletariado em associações e sindicatos (TRUJILLO, 2005; FERNANDES, 2019).

Concomitantemente, Bakunin compreendia que a superação do capitalismo, através do anarquismo, não se daria através do coletivismo de Proudhon, mas de uma ação sistemática de insurreição e atuação das organizações e dos trabalhadores.

> Apesar da heterogeneidade de opiniões entre os anarquistas, havia uma unanimidade em relação a certos aspectos, que unia os vários movimentos em todo o mundo: a necessidade da abolição do Estado, a recusa da tática eleitoral e parlamentar, a oposição à ideia de um partido centralizado, a defesa da ação direta e a valorização da individualidade (TOLEDO, 2004, p. 1).

O anarquismo concebe a luta pela emancipação através de duas frentes: em primeiro lugar, encontra-se a luta política, realizada através das organizações e da luta do proletariado. Diante desse contexto, as organizações, coletivos e movimentos de tendência anarquista atuam de modo a apoiar e promover lutas insurrecionais; em segundo, promovendo formas de divulgação e discussão sobre o anarquismo (CORRÊA, 2013b).

Ao longo do desenvolvimento do anarquismo, diversas organizações e formas de organização surgiram e tornam-se fundamentais para compreendê-lo. Nesse sentido, a Aliança da Democracia Socialista (1864) tornou-se um aspecto importante para a construção do anarquismo, igualmente a participação de Bakunin na Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) (GUILLERM; BOURDET, 1976).

Dentro disso, ao contrário da narrativa de que as disputas entre Karl Marx e Bakunin no seio da AIT se trataram de uma dicotomia entre tomada do poder e a conquista do poder, a disputa se tratava das diferentes formas de organização política e organização militante, igualmente a constituição do Estado (BAKUNIN, 2015). A partir de uma compreensão que diferencia as organizações políticas de organização de massa, os anarquistas criam uma diferenciação entre propaganda e prática política.

Em conformidade, Kropotkin (2012, p. 35) compreende a anarquia como

> [...] uma visão do conjunto que resulta da autêntica compreensão dos fatos sociais, do passado histórico da humanidade, das verdadeiras causas do progresso antigo e moderno. Uma concepção que não se pode aceitar sem sentir modificarem-se todas as nossas apreciações, grandes ou pequenas, dos grandes fenômenos sociais, bem como das pequenas relações entre nós todos em nossa vida cotidiana.

Concomitantemente, Kropotkin acrescenta posteriormente que a anarquia:

> [...] é um princípio de luta de todos os dias. E se é um princípio nessa luta, é porque resume as aspirações profundas das massas, um princípio, falseado pela ciência estatista e pisoteado pelos

> opressores, mas sempre vivo e ativo, sempre criando o progresso, malgrado e contra todos os opressores (KROPOTKIN, 2012, p. 35).

Nesse sentido, o anarquismo apresenta-se enquanto teoria política e revolucionária, dotada de um método cientifico, processo de análise e intervenção social. Ao longo dos anos o anarquismo fora se desenvolvendo, dando espaço para novas intervenções e formas de intervenção (CORRÊA, 2019).

Paralelo a isso, Malatesta, ao buscar definir quem são os anarquistas, definirá os mesmos enquanto "aquele que não quer ser oprimido e não quer ser opressor, aquele que deseja o maior bem-estar, a maior liberdade, o maior desenvolvimento possível para todos os seres humanos" (MALATESTA, 2009. p. 6). Posteriormente, acrescenta, enquanto qualidades daquele que se define enquanto anarquista, o amor para com a humanidade, o desejo de ser livre, e a intolerância frente à opressão (MALATESTA, 2009).

Ao buscar discorrer sobre os objetivos do anarquismo, o mesmo autor coloca que, por meio do anarquismo, almeja-se:

> abolir a propriedade individual e a autoridade, isto é, expropriar os proprietários da terra e do capital, derrubar o governo, e colocar à disposição de todos a riqueza social, a fim de que todos possam viver a seu modo, sem outros limites senão aqueles impostos pelas necessidades, livre e voluntariamente reconhecidas e aceitas (MALATESTA, 2010, p. 17).

Concomitantemente, em outra obra, acrescenta que:

> visto que todos os males da sociedade derivam da luta entre os homens, da busca pelo bem-estar que cada um realiza por sua própria conta e contra todos, queremos corrigir esta situação, substituindo o ódio pelo amor, a competição pela solidariedade, a busca individual pelo próprio bem-estar pela cooperação fraternal para o bem-estar de todos contra a opressão e a imposição pela liberdade, a mentira religiosa e pseudo-científica pela liberdade (MALATESTA, 2009, p. 9).

No que diz respeito à questão do método de organização anarquista, por sua vez, há autores que o põe o anarquismo, ora enquanto "anti-organizacionista", ora enquanto "espontaneísta". A título de exemplo, é cabível citar Kolpinsky (1976), o qual vê o anarquismo enquanto:

> sonhos utópicos de criação de uma sociedade sem Estado e sem classes exploradoras, por meio de uma rebelião espontânea das massas populares e da abolição imediata do poder do Estado e de todas suas instituições, e não por meio da luta política da classe operária, da revolução socialista e do estabelecimento da ditadura do proletariado (KOLPINSKY *apud* CORRÊA, 2013).

Muito embora haja uma certa ala eivada no anti-organizacionismo - baseando-se esses nas teorias de Galleani.

> O antiorganizacionismo possui suas bases em proposições como as de Luigi Galleani, militante anarquista italiano que acredita que uma organização política [...] conduz necessariamente a uma hierarquia de tipo governamental que viola a liberdade individual [...] Galleani sustenta que os anarquistas devem se associar em redes pouco orgânicas, quase informais, pois a organização, principalmente programática, conduz à dominação. [...] Os anarquistas, conforme sustenta, devem atuar por meio da educação, da propaganda e da ação direta violenta, sem se envolver com os movimentos de massas organizados (CORRÊA, 2013. p. 35).

No mesmo eixo de método de organização no anarquismo, encontra-se a questão do "Partido Anarquista". Esse, por sua vez, também nomeado como "Plataforma Organizacional", ou "União Geral dos Anarquistas", não se mostraria enquanto atado à burocracia ou à lógica de competição ao poder estatal. O mesmo aspiraria

> ajudar as massas a tomar o caminho autêntico da revolução social e da construção do socialismo. Mas não é o bastante que as massas tomem o caminho da revolução social. É também necessário manter esta orientação de revolução e seus propósitos: a superação da sociedade capitalista em nome dos trabalhadores livres. Como a experiência da Revolução Russa de 1917 nos mostrou, esta última tarefa está longe de ser fácil, principalmente por causa dos inúmeros partidos que tentam orientar o movimento para uma direção oposta à da revolução social (MAKHNO, 2001. p. 46).

Nesse viés, a formação de uma organização anarquista centraria-se no objetivo de se estabelecer, ao anarquismo, um fim às problematizações teóricas e/ou práticas, que levavam a uma fragmentação e confusão - tal qual visualizada na Revolução Russa de 1917 (MAKHNO, 1926).

Tal perspectiva de criação de uma organização exclusivamente anarquista conversa, por sua vez, com o ideal de especifismo, ou seja, a existência de uma organização especificamente anarquista. A partir dessa discussão se ergue, ademais, a defesa do "dualismo organizacional", o qual consiste na defesa da formação dessa organização puramente anarquista, e num movimento de massas paralelo a essa organização, estando, pois, esses distintos um do outro. Na organização de massas - ou sindicatos - os militantes se organizariam enquanto trabalhadores; na organização especifista - ou a nível social - os mesmos se organizariam, de fato enquanto anarquistas (CORRÊA, 2012).

Para além disso, o anarquismo torna-se significativo na medida em que se observa a influência de suas organizações nas recentes lutas no Brasil. Desde as mobilizações no Fórum Social Mundial, as Jornadas de Junho de 2013 até a ocupação de escolas em 2015 e 2016. O anarquismo tem se espraiado por diversos setores da sociedade e construído uma relação mais profunda com as classes mais baixas da sociedade.

Não obstante, o anarquismo no Brasil, sobretudo em Goiás, expandiu-se demasiadamente nos últimos anos. Dentro e fora do movimento estudantil, o anarquismo criou organizações, coletivos e espaços de discussões. Porém, esse crescimento da teoria política e social anarquista não se dá repentinamente, pelo contrário, é fruto de décadas de mobilização e organização coletiva.

Entre (poucas) vitórias e (muitas) derrotas, a história do anarquismo no Brasil apresenta questões demasiadamente interessantes, principalmente se pensarmos no desenvolvimento do anarquismo enquanto ideia e prática política. Desse modo, as organizações anarquistas apresentam um largo desenvolvimento, desde uma distinção entre anarquismo imediatista, representado pelos *anarcopunks* da década de 90, até a construção de organizações estruturadas e duradouras.

A COPOAG E A CONSTRUÇÃO DO ANARQUISMO EM GOIÁS

Trazer uma discussão sobre a formação do Coletivo pró-organização anarquista em Goiás (COPOAG) impõe diversos limites. Em primeiro lugar, encontra-se a ausência de uma produção acadêmica sobre o assunto e a desarticulação desse coletivo e o surgimento de outras organizações. Em segundo, por sua vez, encontra-se a ausência de fontes nas quais possamos embasar esta análise.

Nesse sentido, recorre-se a publicações em sites, fóruns anarquistas, textos e artigos que fazem menção à organização. Paralelamente, foi realizada uma entrevista com Rafael Saddi, professor da Universidade Federal de Goiás e ex-militante e cofundador da COPOAG (APÊNDICE 1). Desse modo, busca-se empreender uma análise a partir da teoria dos movimentos sociais, sobretudo os estudos voltados a compreensão da nova-esquerda.

À vista disso, busca-se apresentar o surgimento da organização, as perspectivas e formas de atuação. Não é possível determinar o surgimento exato da COPOAG. Tratar do surgimento dessa organização impõe significativas questões. A tradição do anarquismo em Goiás inicia-se na década de 90, sobretudo por influência do *anarcopunk*. É válido ressaltar, ademais, que esse último, no contexto em questão, vinha expandindo-se e tomando força em território brasileiro, associando-se a movimentos sociais e participando da organização de eventos - tais como a *Parada Gay* em São Paulo, 1997 - numa busca de combater os grupos atrelados ao neo-fascismo que vinham erguendo-se no período. Todavia, por motivos diversos, vários desses grupos irão se dissolver (IMPRENSA MARGINAL, 2017). Nesse contexto, por sua vez, as organizações anarquistas reduziam-se a grupúsculos sem atuação política concreta.

Tendo em vista o ingresso dos jovens punks na Universidade Federal de Goiás, aliado a construção de um campo político voltado ao *autonomismo* e o fortalecimento de uma perspectiva *autogestionária,* sobretudo por influência do Coletivo Spartakus (que viria a ser tornar, anos depois, o Movimento Autogestioário - MOVAUT), a atuação anarquista encontrou um amplo espaço de fortalecimento e de construção de suas organizações.

Diante desses aspectos, a COPOAG nasce no final da década de 90 e início do século XXI, como uma organização que visava atuar de duas maneiras: Em primeiro lugar, na construção de um campo anarquista, uma tendência política em meio à outras que existiam em Goiânia; Em segundo lugar, a COPOAG buscou atuar de maneira a apoiar a luta de trabalhadores que naquele momento iniciavam-se.

De acordo com Saddi (2020):

> A COPOAG é resultado de diversas organizações que foram só alterando os nomes, mas eram formadas por um mesmo número de militantes. Isso começou em 1997 (na verdade por volta de 1996, quando emergiram revoltas urbanas anarquistas em grupos de *anarcopunks*). Esse grupo é o primeiro de Goiás que se formou enquanto anarquista, que era só de *anarcopunk*.

Nesse sentido, pode-se destacar algumas organizações que assumem demasiada importância no que diz respeito a formação das concepções e organizações anarquistas contemporâneas. Com base nisso, encontra-se a Organização da Concentração Anarquista (OCA). Essa organização exerceu uma importante atividade no que concerne a propaganda.

> A primeira vez que se formou um grupo especificamente anarquista, chamava-se OCA [Organização da Concentração Anarquista]. A OCA fazia uma revista que se chamava *Solidária.* Sei que algumas pessoas têm esse material (...). Esse foi o primeiro grupo a se desenvolver enquanto anarquistas, estudantes, jovens, primeira geração, chamada *Geração dos Anos 90 do Anarquismo*, houve um rompimento no Brasil Nacional e essa geração foi fruto desse rompimento (SADDI, 2020).

Nesse contexto, por sua vez, encontra-se a formação de outras organizações igualmente importantes. A ruptura com o *Anarcopunk* criou condições para o surgimento de organizações e a reintrodução do Federalismo Anarquista no Brasil. Dessa maneira, encontra-se o surgimento da Federação Anarquista do Rio do Grande do Sul (1995), Organização Socialismo Libertário (1997) e o Resistência Popular (1999). Essas organizações, por sua vez, assumem um caráter especial no *mainstrem* do anarquismo brasileiro, sobretudo, por essas organizações sofrerem enorme influência da Federação Anarquista Uruguaia (FAU) (SANTOS, 2018).

A respeito disso, Saddi (2020) observa que:

> A FAU (Federação Anarquista Uruguaia), diferente do restante do movimento anarquista na América Latina, conseguiu preservar as ideias do anarquismo organizado, popular, durante anos, inclusive com participação contra a ditadura uruguaia, atuando como guerrilheira. Essa organização resolveu, por meio de contatos de brasileiros jovens que foram para lá e passaram a viver no Uruguai, se tornaram militantes da FAU, e a FAU decidiu trazer esse cara para tentar um diálogo com os anarquistas no Brasil para criar esse modelo de organização anarquista de novo, num resgate do que foi o bakuninismo, ou mesmo das concepções do Malatesta de organização, que tivesse adesão popular.

Destarte, encontra-se a gestão de uma ruptura entre o *anarcopunk* e as formas contemporâneas de organização anarquista. Esse fato pode-se observado, por exemplo, na proximidade entre anarquistas brasileiros e uruguaios. Dessa forma, Santos (2018, p. 7) observa essa relação entre a formação das organizações anarquistas contemporâneas e a influência da FAU, argumentando que:

> A troca de experiência da militância anarquista da segunda dos anos 1990, com militantes que os precederam e com a FAU, aproximou organizações anarquistas que buscavam um posicionamento militante, combativo e revolucionário permitindo o acúmulo de debate para o surgimento da Construção Anarquista Brasileira entre os fins de 1995 e o início de 1996.

Com base nisso, Saddi (2020) observa essa ruptura argumentando que, na medida em se afunilava as relações entre anarquistas uruguaios da FAU e anarquistas brasileiros, a concepção de anarquismo e organização alterava-se. Desse modo, a ruptura com o *anarcopunk* encontra-se como expressão desse processo.

> Na época o movimento anarquista se comunicava por carta, sobretudo o movimento punk e tal, não existia internet nem nada, mas a circulação de cartas, de fanzines, era intensa. E aí no meio desse processo, vários estados romperam. Grupos *anarcopunks,* com grupos de centro de cultura libertária, onde a proposta da FAU chegava, de com a proposta de instaurar um anarquismo organizado, com a inserção social, rompia. Saia um grupo e falava "Pô cara, isso que eu quero não, estou nessa pra uma mera postura de vida né". Eu acredito que o anarquismo não é uma mera postura de vida, eu acredito no anarquismo enquanto uma forma de transformação dessa realidade cruel e injusta né, uma luta contra o sistema. Em os estados rolou uma ruptura aí surgiu [...] um processo que se chamava CAB (Construção Anarquista Brasileira), com a ideia de se formar grupos do anarquismo organizado e todos os membros desses grupos atuassem em alguma frente estudantil, ou na frente comunitária nos bairros, ou em ocupações de sem-teto, ou na frente de trabalho - movimento sindical, operário, etc (SADDI, 2020).

Essa ruptura, por sua vez, deu início a construção de organizações anarquistas de forma sistemática. Ao contrário das décadas passadas e, sob influência do *anarcopunk*, essas organizações – em sua maioria – tinham como objetivo a participação efetiva nas lutas sociais e, por outro lado, na derrocada radical do capitalismo. Nesse sentido, encontra-se a adição do especifismo enquanto estrutura ideologia e plataformista (BASTOS, 2005).

De acordo com Saddi (2020):

> A influência desse especifismo era o do dualismo organizacional do Bakunin, aliança atuando dentro da AIT [Associação Internacional dos Trabalhadores], a ideia de partida anarquista - mas partido entendido fora da instituição completamente legal, vezes até mesmo secreto - No momento, em 1998 organizações se tornaram secretos no Brasil, ninguém sabia que existia, mas existia uma organização nível nacional secreta, que atuava em diversos movimentos populares, que teve força nas ocupações Rio de Janeiro, em movimentos de trabalhadores marginais em alguns estados, isso tudo na década de 90.

Doravante, pode-se compreender o especifismo enquanto forma de organização político-ideologia, sendo fortemente influenciado pelo dualismo organizacional. Com base nisso, o especifismo é entendido enquanto uma organização ideologia, por exemplo, anarquista e as diferentes correntes agrupam-se entorno de uma pauta única, trazendo uma distinção entre organização de massa e organização política.

Corroborando com essa perspectiva, Weaver (2006, p. 5) observa que:

> A concepção de Especifismo sobre a relação das ideias aos movimentos populares é que elas não devem ser impostas por líderes, através de "linhas de massa" ou por intelectuais. Militantes anarquistas não devem tentar mover os movimentos a assumirem uma posição "anarquista", mas sim trabalhar para manter seu ímpeto anarquista; isso é, sua tendência natural à autogestão e pela luta militante por seus próprios interesses. Isso assume a perspective de que os movimentos sociais atingirão sua própria lógica de fazer revolução, não quando todos necessariamente atingirem o ponto de serem autoidentificados "anarquistas", mas quando todos (ou a grande maioria) atingirem a consciência de seu poder próprio e exercitar esse poder em suas vidas, de certa maneira adotando conscientemente as ideias do anarquismo.

Paralelamente, Saddi (2020) acrescenta que:

> A ideia era de que você só entrasse na organização se concordasse com a concepção da organização. Isso era uma ruptura grande. Era difícil no meio anarquista essa ideia de que você tinha um processo de ingresso, você ler os materiais, discutir os materiais, concordar com os materiais pra ingressar. Antes era assim "Quem é anarquista? Vamos juntar todo mundo e fazer alguma coisa". A unidade teórica e prática estava centrada nisso que começou a ser chamada de especifismo, que tem como referência o dualismo organizacional do Bakunin, essa concepção dualista também do Malatesta, e a referência do plataformismo - concepção do Makhno de necessidade da criação de um partido anarquista, uma organização anarquista disciplinada, que pudesse estar inserida na vida do povo mesmo, impulsionando essa auto-organização da classe trabalhadora.

Dessa forma, o especifismo encontra-se centrado na formação da COPOAG, principalmente pela possibilidade de aglutinar diferentes indivíduos – tanto estudantes quanto trabalhadores – entorno de uma pauta única. Destarte, verifica-se que a COPOAG surge num contexto de efervescência das formas contemporâneas de organização anarquista, sobretudo por influência do especifismo.

Esse momento de retomada da perspectiva organizacional do anarquismo apresenta-se, concomitantemente, como um período de efervescência. Com base nisso, diversos encontros anarquistas surgiram, jornais locais, editoras e etc. Pode-se destacar, por exemplo, o surgimento da editora Faísca (2004), que exerceu demasiada importância no que tange a produção teórica anarquista no Brasil.

Para além disso, a relação e relevância da COPOAG encontra-se inserida em dois aspectos: Em primeiro lugar, trata-se da construção de uma organização anarquista em Goiás e que marcou significativamente a posição anarquista nas lutas sociais do Estado; em segundo lugar, verifica-se a influência do modelo organizacional da COPOAG nas organizações que a procederam.

No entanto, é preciso esclarecer para que não surja equívocos, que essa influência local que a COPOAG exerceu em Goiás não está deslocada ou descolada de um aspecto macro. Pelo contrário, a influência local se interage diretamente com as mudanças gerais no anarquismo – tanto no Brasil quanto na América Latina (FAO, 2007; OASL, 2012).

Com base nisso, percebe-se então o surgimento de frentes de atuação localizada. Dessa forma, a COPOAG atuou dentro do movimento estudantil, quanto em organizações de trabalhadores. Saddi (2020) apresenta este fato argumentando que:

> Em termos práticos, ela divide em frentes de atuação, então todo mundo era da organização anarquista tinha que estar em alguma frente de atuação. A gente tinha uma frase que era "Ninguém milita na própria organização, todo mundo milita em algum meio popular". Eram 3 frentes: Uma frente Estudantil, uma frente Comunitária que poderia organizar bairros, ou ocupações sem-terra - organiza o povo pelo local de moradia - e uma frente de Trabalho, que organiza os trabalhadores pelo local de trabalho ou pela categoria.

Essa divisão das formas de atuação política não é algo próprio da COPOAG, pelo contrário, ela está inserida na perspectiva do especifismo e, igualmente, do dualismo organizacional. Por este viés, pode-se observar a forte influência que a FAU exerceu sobre a concepção de organização e atuação anarquista no Brasil (SANTOS, 2018).

Concomitantemente, a respeito dessas intersecções entre organização política e organização de base, pode-se observar diversas outras ações em que a COPOAG esteve inserida. De acordo com Saddi (2020):

> Então a COPOAG teve atuação forte na frente estudantil, ela fundou a Resistência Popular, foi uma resistência estudantil com muitos militantes, teve uma atuação forte na frente Comunitária, participou de duas ocupações de sem-teto em Goiânia, teve também a atuação de bairros, ela construiu a SOLUP (Sociedade de Luta Popular) no Goiânia Viva, teve o movimento "Culturarte", rádio comunitária, cursinho comunitário no lá no Parque Atheneu, trabalhava o pessoal das casinhas que são de ocupação, e teve também uma atuação na frente de trabalho, com os catadores. A COPOAG impulsionou o surgimento do Movimento dos Catadores em Goiás, é isso

A partir disso, é possível verificar a estrutura organizacional da COPOAG. A divisão da organização em frentes de atuação permitia, por sua vez, uma conexão maior com diversos setores e grupos de trabalhadores e estudantes. A ideia de "organização dos locais de estudo, trabalho e moradia" apresenta-se ilustrativamente na estrutura da COPOAG. Por outro lado, essa divisão trouxe inúmeras tensões, sobretudo pela relação entre a Frente Popular (ou Frente de Trabalho) e a Frente Estudantil.

Com base nisso, Saddi (2020) recorda essa tensão argumentando que as perspectivas entre os militantes dessas frentes eram distintas, a realidade destes eram contrárias. Por causa disso, as tensões

surgiam não somente pelas divergências teóricas, mas, principalmente, pela atuação política. Paralelamente, Saddi (2020) exemplifica essa tensão ilustrando um fato que ocorrera na Federação Anarquista Gaúcha (FAG).

> Houve uma divisão bem pesada - já tinha acontecido essa divisão no Rio Grande do Sul, muito parecida com a que ocorreu aqui. Tinha o pessoal da frente estudantil e da frente de catadores do Rio Grande do Sul que divergia sobre os rumos. A frente de catadores do Rio Grande do Sul era acusada até de "anarcocatadorismo'', tudo que eles faziam tinha sempre um grande movimento, um movimento de ação direta, combativo e tal, e desprezavam a propaganda anarquista e outras atividades que uma organização anarquista tem que fazer. Por exemplo, uma coisa é o nível social, a luta popular, outra coisa é uma organização anarquista que além da própria luta popular, que é feito por trabalhadores, ela também atua em outros níveis, o nível da propaganda, e o nível também do combate ideológico, a ideologia burguesa cotidiana tem sim que combater, até pra que não ocorra de, no seio da classe ela avançar, e um combate também de construção de poder armado.

Posteriormente, Saddi (2020) acrescenta:

> Então existiam vários níveis que alguns companheiros da organização cobravam. A gente que estava num nível mais popular, de atuação popular, menosprezava talvez por uma exaltação pelo momento de grande crescimento do movimento popular, que a gente estava atuando. E a gente acusava o pessoal da frente estudantil de ser idealista, de valorizar, de colocar de pé de igualdade um trabalho intelectual com um trabalho da luta dos trabalhadores de prática, que tá alcançando a auto-organização, que tá gerando consciência popular, que tá gerando mudança para vida do cara mesmo, conquistas reais e tal.

Essas tensões refletem dois aspectos demasiadamente importantes. O Primeiro trata da radicalização ideológica das Frentes Populares, uma aproximação progressiva ao bakuninismo radical. Essa perspectiva trouxe a COPOAG, no primeiro momento, uma aproximação com grupos de trabalhadores e possibilitou o surgimento de redes de solidariedade. Por outro lado, essa tendência da organização criou um revanchismo contra a Frente Estudantil.

Em segundo lugar, a Frente Estudantil tinha uma perspectiva de atuação dentro da universidade e, ao contrário da frente popular, havia pouquíssimos trabalhadores. A curto prazo, a Frente Estudantil alcançou uma inserção importante dentro do Movimento Estudantil da Universidade Federal de Goiás e possuía mais tempo para investir em propaganda e intervenção política. Contrariamente, a Frente Estudantil foi se desgastando na medida em que a concepção de luta anarquista e o dualismo organizacional foram se consolidando. Nesse sentido, a Frente Estudantil passou a ser esvaziada e os quadros restantes foram acusados de idealismo (SADDI, 2020).

É importante trazer essa distinção, pois através dela é possível compreender a relação da COPOAG com as demais organizações políticas. Num momento onde o anarquismo não era uma teoria

política e prática "popular" em Goiânia, a relação com outros grupos políticos permita o surgimento de ações em conjunto.

Para além disso, encontra-se as atividades políticas da Frente Popular e da Frente Estudantil dentro da COPOAG. Nessa perspectiva, a Frente Estudantil apresenta uma maior inserção nas disputas políticas do movimento estudantil goiano, sobretudo pelo perfil dos membros da organização e a conjuntura política no início dos anos 2000. Com base nisso, Saddi (2020) observa que:

> Na época do congresso da UNE [União Nacional dos Estudantes], por exemplo, a gente fazia um paralelo ao congresso da UNE. A gente aproveitava que muitos estudantes anarquistas ou autogestionários iriam sair de outros estados, poderiam usar os ônibus da UNE para sair de outros estados, e a gente convocava um encontro libertário paralelo ao congresso da UNE. Era um encontro que não fazia parte do congresso da UNE, que não iria disputar o congresso da UNE nem nada. A gente era contra disputar porque ela era uma entidade já, pelega por natureza, em toda sua estrutura. Aí nós fazíamos os encontros paralelos, a gente fez um ou dois encontros com o MOVAUT [Movimento Autogestionário] que era isso: organizar os estudantes e outros trabalhadores também que pudessem usar os ônibus que vinham para o congresso da une para fazer um encontro paralelo. Mas eram atividades pontuais, o trabalho cotidiano mesmo era feito só pela organização.

Por conseguinte, essa perspectiva de formação de encontros paralelos ao congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) surge a partir da recursa que organizações libertárias, vinculadas ao anarquismo e ao marxismo heterodoxo/marxismo libertário, tinham frente a organizações representativas, seja do ponto de vista do movimento estudantil como a UNE ou dos partidos políticos da esquerda e extrema-esquerda brasileira.

Á vista disso, Saddi (2020) observa essa recusa em maior grau argumentando que:

> Na época, o domínio do movimento estudantil era do PCdoB com força do PT também, e a ala que fazia polarização, mas era minoritária, mas ainda ajudou a fazer uma polarização foi o PSTU. Mudou muito a realidade de lá para cá. O PCdoB e o PT foram completamente desmoralizados no movimento estudantil, quase expulso do movimento estudantil, ou pelo ao menos em Goiânia. Embora pareça que eles tomaram aí alguma coisa, o PCdoB e tal. Mas eu não estava na frente estudantil então eu não estava muito não diretamente envolvido nessas disputas. [...] Não se faz aliança com partidos políticos, se faz aliança entre categoria de trabalhadores, se faz laços de solidariedade de classe. Esse era um princípio nosso, a gente nunca fez aliança com força política nenhuma. [...], mas a aliança era de trabalhador para trabalhador, não sentava com cúpula de partido nenhum. A gente chegou que tinha um princípio também de não fazer aliança com nenhuma força de governistas, de não defender governo nenhum, na época da COPOAG era o governo do PT que governava. Então o PT, o PCdoB, todos esses partidos que estavam dentro do governo para nós eram governistas e eram inimigos. Eles faziam parte da ordem e a gente tinha que enfrentá-los. E não passaria aliança nossa com esses caras.

Essa tensão entre organizações políticas reivindicativas e partidos políticos é problematizada por Gohn (1997). Nessa lógica, os novos movimentos sociais entendem essas organizações como instrumentos de dominação. Ao mesmo tempo que essas organizações representaram os interesses

desses movimentos, na medida em que as lutas sociais emergiam à espectros da política institucional essas organizações foram cooptadas e transformadas em novíssimos instrumentos de dominação e repressão das lutas sociais (GOHN, 1997).

Concomitantemente, Gohn (1997, p. 125) acrescenta que:

> Os Novos Movimentos recusam a política de cooperação entre as agências estatais e os sindicatos e estão mais preocupados em assegurar direitos sociais - existentes ou a ser adquiridos para suas clientelas. Eles usam a mídia e as atividades de protestos para mobilizar a opinião pública a seu favor, como forma de pressão sobre os órgãos e políticas estatais. Por meio de ações diretas, buscam promover mudanças nos valores dominantes e alterar situações de discriminação, principalmente dentro de instituições da própria sociedade civil.

Por outro lado, a Frente Popular atuou de forma significativa nos movimentos de base de trabalhadores. Nesse sentido, as experiências de luta nas quais a COPOAG esteve inserida apresentam indícios para compreender as tensões políticas e, posteriormente, a sua dissolução. Com base nisso, Saddi (2020) apresenta a inserção e as atividades da Frente Popular observando a participação em Ocupação de trabalhadores, na organização de cursinhos populares, na organização do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCMR) e na ocupação Sonho Real em Goiânia (2004) (CMI, 2005). Embora Saddi (2020) não apresente com maior intensidade as atividades da Frente popular, observa-se diversos aspectos de sua inserção ao longo da entrevista.

Ao mesmo tempo, verifica-se que a ampliação das atividades da Frente Popular e o progressivo esvaziamento da Frente Estudantil criou uma tensão política dentro da organização. Os militantes que atuavam na Frente popular viam na Frente Estudantil uma espécie de idealismo político. Para além disso, a tensão entre esses dois polos políticos causou um estranhamento entre teoria política e prática política, pois entendia-se que a atuação com os trabalhadores era superior as atividades com a base estudantil (SADDI, 2020).

Isto posto, Saddi (2020) observa o fim da COPOAG argumentando que:

> a divergência central foi essa, a gente não teve estrutura para aguentar essa divergência, chegou o momento que cada um queria fazer uma coisa diferente, a gente queria mesmo era construir um movimento proletário mesmo, fodido, marginal, e os caras queriam criar uma organização anarquista mais sólida, que atuasse em todos os níveis da classe trabalhadora, inclusive na frente estudantil. Eu acho que eles estavam corretos em algumas coisas, a gente estava correto em outras, mas foi isso que acabou com a COPOAG, ela nunca mais voltou a existir.

Como demonstrado em outros trechos do presente trabalho, o processo de ruptura da COPOAG apresenta um progressivo estranhamento entre as frentes de atuação da organização. Em consonância, percebe-se que esse estranhamento que culmina na dissolução da COPOAG torna-se manifesto na medida em que militantes da Frente Popular tem um contato mais amplo com a organização do

movimento dos catadores. Esse processo, por sua vez, torna-se demasiadamente importante, pois traça um avanço no que diz respeito a processo de construção de uma perspectiva anarquista voltada para a atuação direta com os trabalhadores.

Por esse ângulo, a COPOAG chegou ao fim 2007. Saddi (2020) verifica a existência de uma tentativa de reconstrução da organização em 2013. Destarte, quando se observa, por exemplo, a influência da COPOAG nas organizações anarquistas em Goiás, observa-se que sua estrutura, método de organização, forma de luta e concepção política é bastante semelhante aos coletivos e organização anarquistas.

Essa correlação pode ser observada, por exemplo, na adoção do federalismo, na divisão da organização em frentes de atuação, a aproximação com movimentos estudantis e de trabalhadores. Para além disso, encontra-se a recursa das organizações de representação institucional como, por exemplo, os sindicatos, os partidos políticos e as juventudes partidárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, a COPOAG assume demasiada importância na construção de um campo anarquista em Goiás. Através dela, por sua vez, encontra-se as bases para uma forma de atuação anarquista mais ampla, ou seja, que engloba as organizações que procederam. Nessa perspectiva, a ruptura com o *anarcopunk* e a construção de organizações que adotassem uma plataforma especifista surge como fundamento para o desenvolvimento de uma organização duradoura.

Desse modo, a divisão da COPOAG em frentes de atuação representou um contato maior com diversos grupos e classes sociais. Por outro lado, a divisão fragmentadora, ou seja, a investida no dualismo organizacional trouxe como consequência o surgimento de tensões internas. À vista disso, verificou-se que as tensões entre a atuação da Frente Estudantil e da Frente Popular, diziam respeito à dois aspectos distintos: Em primeiro lugar, a emergência de uma perspectiva de que a organização deveria ser secreta e, por causa disso, poderia intervir nas lutas de forma mais radical. Em segundo lugar, encontra-se uma perspectiva que buscava ampliar a partição publica da COPOAG nas lutas em Goiás. Como caudilho desse processo, encontra-se as posições da Frente Popular em contradição a atuação da Frente Estudantil.

Embora a atuação da COPOAG tenha representado a construção de um vasto campo para outras organização anarquistas, verificou-se que sua influência se encontra centrada no pessoalismo, em lembranças e narrativas confusas. Como consequência, verificou-se as impossibilidades e reconstrução da organização. No entanto, observou-se como produto dessa organização, o surgimento de formas de

atuação avançadas, ou seja, de organizações que compreenderam os erros da COPOAG e objetivaram a superação destes.

Todavia, o dualismo organizacional custou caro a COPOAG. Por outro lado, o campo anarquista no Brasil começará a se desenvolver de forma acelerada naquele momento. Nessa perspectiva, a COPOAG trouxe consigo o gene das frentes de atuação, a ruptura com o especifismo e a recusa da tradição anti-organizacional.

REFERÊNCIAS

BAKUNIN, Mikhail. **Revolução e liberdade**: Cartas de 1845 a 1875. São Paulo: Editora Hedra, 2015.

BASTOS, Yuriallis Fernandes. "Partidários do anarquismo, militantes da contracultura: um estudo sobre a influência do anarquismo na produção cultural anarco-punk". **CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, vol. 1, n. 9, 2005.

CMI - Centro de Mídia Independente. "Sonho Real: O Forte e Guerreiro Povo Lutador de Goiânia". **A-infos** [01/03/2005]. Disponível em: <http://www.ainfos.ca>. Acesso em: 15/08/2020.

CORREA, Felipe. **Rediscutindo o anarquismo: uma abordagem teórica** (Dissertação de Mestrado em Ciências). São Paulo: USP, 2012.

CORREA, Felipe. **Surgimento e breve perspectiva histórica do anarquismo (1868-2012)**. São Paulo: Faísca, 2013a.

CORREA, Felipe. "Questões organizativas do Anarquismo". **Espaço Livre**, vol. 8, n. 15, 2013b.

CORREA, Felipe. **"Unidade real de pensamento e ação"**: teoria política e trajetória de Mikhail Bakunin (Tese de Doutorado em Educação). Campinas: UNICAMP, 2019.

FAO - Fórum do Anarquismo Organizado. "O FAO e a construção do anarquismo militante e revolucionário". **Portal Eletrônico Coletivo Anarquista Luta de Classe** [2007]. Disponível em: <https://anarquismopr.org> Acesso em: 14/08/2020.

FERNANDES, Thales. **O sindicalismo revolucionário e suas representações na historiografia brasileira na década de 1980** (TCC de graduação em História). Goiânia: UFG, 2019.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Teorias dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

GUILLERM, Alain; BOURDET, Yvon. **Autogestão**: uma mudança radical. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

IMPRENSA MARGINAL. "O Movimento Anarcopunk e a luta anti-fascista no Brasil: Parte 1: anos 90". **Portal Eletrônico Anarco Punk** [2017]. Disponível em: <http://anarcopunk.org>. Acesso em: 23/08/2020

KROPOTKIN, Piotr. **O princípio da anarquia e outros ensaios**. São Paulo: Editora Hedra, 2012.

MAKHNO, Nestor. **Anarquia e organização**. São Paulo: Luta Libertária, 2001.

MAKHNO, Nestor. "A Plataforma organizacional da União Geral dos Anarquistas (Projeto)". **Portal Eletrônico ITHA** [2017]. Disponível em: <https://ithanarquista.wordpress.com>. Acesso em: 23/08/2020.

MALATESTA, Errico. **Anarquismo e anarquia**. São Paulo: Editora Faísca, 2009.

MALATESTA, Errico **Cadernos Anarquistas**. Coleção Teoria Anarquista - Caderno nº 1. Fortaleza: Organização da Resistência Libertária, 2010.

OASL - Organização Anarquista Socialismo Libertário. "Elementos para uma Reconstituição Histórica de Nossa Corrente". **Portal Eletrônico Anarquismo SP** [2012]. Disponível em: <https://anarquismosp.wordpress.com>. Acesso em: 13/08/2020.

SANTOS, Carlos André. "Criar! Lutar! Poder Popular! O anarquismo especifista no Brasil". **Anais da IV Conferência Internacional Greves e Conflitos Sociais** [2018]. Disponível em: <http://www.sinteseeventos.com.br/site/iassc> Acesso em: 10/08/2020.

TOLEDO, Edilene. **Travessias revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália, 1890-1945**. São Paulo: UNICAMP, 2004.

TRUJILLO, Fernando López. **Vidas en Rojo y negro**: Una historia del anarquismo en la Década Infame. La Plata: Letra libre, 2005.

WEAVER, Adam. "Especifismo: A Práxis Anarquista de Construir Movimentos Sociais e Organizações Revolucionárias". **Biblioteca Anarquista** [2006]. Disponível em: <https://bibliotecaanarquista.org>. Acesso em: 10/08/2020.

WOODCOCK, Georg. **História das ideias e movimentos anarquistas**, vol. 2 – O movimento. Porto Alegre: L&PM, 2014.

APÊNDICE 1 – ENTREVISTA COMPLETA COM RAFAEL SADDI

1) COMO ERA O CENÁRIO ANARQUISTA EM GOIÁS ANTES DA COPAG?

A COPOAG é resultado de diversas organizações que foram só alterando os nomes, mas era formado por um mesmo número de militantes. Isso começou em 1997 (na verdade por volta de 1996, quando emergiram revoltas urbanas anarquistas em grupos de anarcopunks). Esse grupo é primeiro de Goiás que se formou enquanto anarquista, que era só de anarcopunk.

A primeira vez que se formou um grupo especificamente anarquista, chamava-se OCA [Organização da Concentração Anarquista]. A OCA fazia uma revista que se chamava Solidária. Sei que algumas pessoas têm esse material, Bacurau tem o número da Solidária. Esse foi o primeiro grupo a se desenvolver enquanto anarquistas, estudantes, jovens, primeira geração, chamada Geração dos Anos 90 do Anarquismo, houve um rompimento no Brasil Nacional e essa geração foi fruto desse rompimento.

O anarquismo estava muito identificado com o anarcopunk - era um movimento de contracultura, não havia muito da ideia de um anarquismo enquanto organização de massa, da classe trabalhadora e tal, em alguns estados com

mais tradição do anarquismo, além do anarcopunk tinha-se, também, centros de cultura libertária. São Paulo, Belém, Rio de Janeiro… Tinha-se muitos grupos que não eram anarcopunks, embora os anarcopunks também participavam - mas eram grupos que discutiam muito sobre a história do anarquismo, foram responsáveis, por preservar muito da experiência do anarquismo no Brasil.

Depois disso, o cenário era esse no Brasil inteiro, ou eram anarcopunks ou grupos anarquistas mais focados na preservação e divulgação do pensamento anarquista. Não havia anarquismo enquanto uma organização ou atuação na luta popular, uma organização revolucionária que atuasse por dentro dos movimentos populares, estimulando a auto-organização da classe trabalhadora pra uma transformação da realidade. O anarquismo clássico, que surgiu no interior da classe trabalhadora, movimento proletário no século XIX.

Como se deu essa ruptura nacionalmente? A FAU (Federação Anarquista Uruguaia), diferente do restante do movimento anarquista na América Latina conseguiu preservar as ideias do anarquismo organizado, popular, durante anos, inclusive com participação contra a ditadura uruguaia, atuando como guerrilheira. Essa organização resolveu, por meio de contatos de brasileiros jovens que foram para lá, passaram a viver no Uruguai, se tornaram militantes da FAU, e a FAU decidiu trazer esse cara para tentar um diálogo com os anarquistas no Brasil para criar esse modelo de organização anarquista de novo, num resgate do que foi o bakuninismo, ou mesmo das concepções do Malatesta de organização, que tivesse adesão popular.

Começou-se então a mandar cartas para os grupos de anarquistas, anarcopunks do Brasil inteiro. Na época o movimento anarquista se comunicava por carta, sobretudo o movimento punk e tal, não existia internet nem nada, mas a circulação de cargas, de fanzines, era intensa. E aí no meio desse processo, vários estados romperam. Grupos anarcopunks, com grupos de centro de cultura libertária, onde a proposta da FAU chegava, de instaurar um anarquismo organizado, com a inserção social, rompia. Saia um grupo e falava "Pô cara, isso que eu quero não estou nessa pra uma mera postura de vida né". Eu acredito que o anarquismo não é uma mera postura de vida, eu acredito no anarquismo enquanto uma forma de transformação dessa realidade cruel e injusta né, uma luta contra o sistema. Em os estados rolou uma ruptura aí surgiu, por meio dessa ruptura, um processo que se chamava CAB (Construção Anarquista Brasileira), com a ideia de se formar grupos do anarquismo organizado e todos esses membros desses grupos atuassem em alguma frente estudantil, ou na frente comunitária nos bairros, ou em ocupações de sem-teto, ou na frente de trabalho - movimento sindical, operário, etc.

Começou-se a se criar essas organizações locais e que se articularam num processo nacional que chamava CAB [Confederação Anarquista Brasileira], o primeiro material lançado se chamava Luta e Organização, e foi lançado em 1985, quando surgiu a FAG (Federação Anarquista Gaúcha), surgiu a OSL em São Paulo, OSL em Brasília, OSL no Pará, e aqui em Goiânia, baseado nessas leituras dessas novas organizações, e da proposta de anarquismo organizado, especialmente desse material Luta e Organização, de 1985, resolveu-se romper na época com o RSA, romper com o anarcopunk, e criar uma organização especialmente anarquista, que foi a OCA.

2) QUAL A BASE TEÓRICA DO COLETIVO E QUAL SUA PROPOSTA A PARTIR DISSO?

Então, essa ideia de construção do anarquismo brasileiro, que depois se transformou no FAO [Fórum Anarquista Organizado], com várias organizações do Brasil inteiro, todos tinham essa ideia, estavam fechados com a ideia de especifismo. A influência desse especifismo era o do dualismo organizacional do Bakunin, aliança atuando dentro da AIT [Associação Internacional dos Trabalhadores], a ideia de partida anarquista - mas partido entendido fora da instituição completamente legal, vezes até mesmo secreto - No momento, em 1998 organizações se tornaram secretos no Brasil, ninguém sabia que existia, mas existia uma organização nível nacional secreta, que atuava em diversos movimentos populares, que teve força nas ocupações Rio de Janeiro, em movimentos de trabalhadores marginais em alguns estados, isso tudo na década de 90.

Quando esse processo todo gerou a COPOAG, estava tendo o FAO, todas as organizações estavam abertas, públicas, e todas em uma ideia de que uma organização anarquista deveria ter uma unidade teórica e prática, havia uma concepção unificada; A ideia era de que você só entrasse na organização se concordasse com a concepção da organização. Isso era uma ruptura grande. Era difícil no meio anarquista essa ideia de que você tinha um processo de ingresso, você ler os materiais, discutir os materiais, concordar com os materiais pra ingressar. Antes era assim "Quem é anarquista? Vamos juntar todo mundo e fazer alguma coisa"

A unidade teórica e prática estava centrada nisso que começou a ser chamada de especifismo, que tem como referência o dualismo organizacional do Bakunin, essa concepção dualista também do Malatesta, e a referência do plataformismo - concepção do Makhno de necessidade da criação de um partido anarquista, uma organização anarquista disciplinada, que pudesse estar inserida na vida do povo mesmo, impulsionando essa auto-organização da classe trabalhadora.

Existe uma unidade nisso, porém uma unidade nessas ideias, nesses autores, tendo uma referência desses autores, não dava pra gente ainda ter uma unidade teórica plena, porque, dentro do FAO mesmo, no Brasil, quanto aqui internamente, os referenciais que a gente utilizava para analisar a realidade, não eram tão fechado assim, tão unificados assim. A gente tendia a uma análise materialista histórica da realidade, na época a gente acreditava que o Bakunin tinha o mesmo método de análise da realidade que o Marx. Não sei se vocês chegaram a perceber isso algum documento da COPOAG, mas há uma ideia de que o Bakunin tinha como método o materialismo histórico dialético, uma concepção que hoje eu vejo que era equivocada. Existe muita divergência nos conceitos mesmo, na lógica de interpretação da realidade, nas influências teóricas do Bakunin com relação ao Marx, há muita diferença que na época a gente não compreendia. Existia já uma alguns autores que a gente fazia essa relação do método do Bakunin com o Marx e a gente acabou comprando essa ideia.

Prevalecia o método materialista histórico-dialético, mas não era muito consensual isso não. Por exemplo, tinham militantes que eram mais populares, que não vinham da Universidade e pouco importava essa coisa de método teórico. Os caras fechavam com a ideia de ter uma organização anarquista sólida impulsionando a Luta Popular e movimentos populares mais amplos que as orientações específicas e tal. E aí a questão do método era o que menos importava, a concepção teórica de como analisar a realidade e tudo mais. Mas na hora de fazer os materiais acabava prevalecendo essa visão centrada nessa ideia de que o Bakunin reproduziria o mesmo método teórico do Marx.

Em termos práticos, ela divide em frentes de atuação, então todo mundo era da organização anarquista tinha que estar em alguma frente de atuação. A gente tinha uma frase que era "Ninguém milita na própria organização, todo mundo milita em algum meio popular". Eram 3 frentes: Uma frente Estudantil, uma frente Comunitária que poderia organizar bairros, ou ocupações sem-terra - organiza o povo pelo local de moradia - e uma frente de Trabalho, que organiza os trabalhadores pelo local de trabalho ou pela categoria.

Então a COPOAG teve atuação forte na frente estudantil, ela fundou a Resistência Popular, foi uma resistência estudantil com muitos militantes, teve uma atuação forte na frente Comunitária, participou de duas ocupações de sem-teto em Goiânia, teve também a atuação de bairros, ela construiu a SOLUP (Sociedade de Luta Popular) no Goiânia Viva, teve o movimento "Culturarte", rádio comunitária, cursinho comunitário no lá no Parque Atheneu, trabalhava o pessoal das casinhas que são de ocupação, e teve também uma atuação na frente de trabalho, com os catadores. A COPOAG impulsionou o surgimento do Movimento dos Catadores em Goiás, é isso. Mas unidade teórica mesmo, assim, de referencial teórico, de modo como analisar a realidade não posso dizer que tinha não, tinha uma afinidade de princípios.

3) COMO ERA A RELAÇÃO DA COPOAG COM OUTROS GRUPOS POLÍTICOS? E AS FRENTES DO COLETIVO COSTUMAVAM COMPETIR EM ELEIÇÕES PARA CA's, DCE's, UNE, etc?

Na época da COPOAG eu não estava mais na frente estudantil, a frente estudantil era a que mais participava em disputa, na frente comunitária não tinha nenhuma força política atuando - por exemplo, nas ocupações que a gente participou não tinha nenhuma força política -, no movimento dos catadores não tinha força política, nas frentes de bairros não tinha força política nenhuma. Isso era muito negado nas correntes políticas dominantes.

Na época, o domínio do movimento estudantil era do PCdoB com força do PT também, e a ala que fazia polarização, mas era minoritária, mas ainda ajudou a fazer uma polarização foi o PSTU. Mudou muito a realidade de lá para cá. O PCdoB e o PT foram completamente desmoralizados no movimento estudantil, quase expulso do movimento estudantil, ou pelo ao menos em Goiânia. Embora pareça que eles tomaram aí alguma coisa, o PCdoB e tal. Mas eu não estava na frente estudantil então eu não estava muito não diretamente envolvido nessas disputas.

Mas o projeto da frente estudantil vinha sim em disputar entidade também. A ideia da frente estudantil era - até mesmo no geral, a COPOAG tinha uma concepção [que hoje acho equivocada] de disputar sindicatos, se esse fosse o caso. A gente nunca fez isso, porque nunca teve condição de fazer, mas se fosse o caso a gente achava que era correto disputar os sindicatos. - Mas a COPOAG sempre teve a ideia de que: não se faz aliança pela direção, ou seja, jamais a COPOAG iria sentar com capas de partido político para discutir alguma coisa, partido político tinham os seus capas que eram pessoas que faziam as negociações até das entidades estudantis, os cara ia tentava negociações das Chapas. A gente não faz acordo, política de aliança é sempre pela base, é sempre pelo movimento popular com outras categorias de trabalhadores, e não com direções, ou com partidos políticos.

Não se faz aliança com partidos políticos, se faz aliança entre categoria de trabalhadores, se faz laços de solidariedade de classe. Esse era um princípio nosso, a gente nunca fez aliança com força política nenhuma. O que a gente fez foi, em algumas marchas na época, a gente teve manifestações conjuntas com o MST e com MAB [Movimento de Atingidos por Barragens]. Tinham muitas tensões nessas manifestações, porque os caras tinham mesmo um negócio de levar burocrata para ficar falando no carro de som e tudo mais e a gente não aceitava isso, a gente levava o nosso carro de som que era só os trabalhadores falando, não tem ninguém lá em cima.

Mas a aliança era de trabalhador para trabalhador, não sentava com cúpula de partido nenhum. A gente chegou que tinha um princípio também de não fazer aliança com nenhuma força de governistas, de não defender governo nenhum, na época da COPOAG era o governo do PT que governava. Então o PT, o PCdoB, todos esses partidos que estavam dentro do governo para nós eram governistas e eram inimigos. Eles faziam parte da ordem e a gente tinha que enfrentá-los. E não passaria aliança nossa com esses caras.

Outros grupos próximos que a gente chegou a atuar junto, fazia muita atividade junto, foi o CMI [Centro de Mídia Independente], na época também no mês ano 2000 surgiu e no Brasil inteiro e forte aqui em Goiânia se eu não me engano foi 2001, por aí, começou a ter uma força aqui na UFG principalmente. O CMI foi um grupo que deu muita força num trabalho que a gente tinha na frente comunitária, participou do movimento Culturarte, foi quem arranjou toda estrutura pra criação da rádio comunitária, mas era Rádio Livre, piratona mesmo e tal, os caras mesmo que arranjaram estrutura. A gente usava muito também toda a estrutura do CMI, do site, para poder divulgar a mídia que a gente fazia de divulgação das lutas nossas.

A gente também teve proximidade, no final com o MOVAUT e, algumas atividades. Na época do congresso da UNE, por exemplo, a gente fazia um paralelo ao congresso da UNE. A gente aproveitava que muitos estudantes anarquistas ou autogestionários iriam sair de outros estados, poderiam usar os ônibus da UNE para sair de outros estados, e a gente convocava um encontro libertário paralelo ao congresso da UNE. Era um encontro que não fazia parte do congresso da UNE, que não iria disputar o congresso da UNE nem nada. A gente era contra disputar porque ela era uma entidade já, pelega por natureza, em toda sua estrutura. Aí nós fazíamos os encontros paralelos, a gente fez um ou dois encontros com o MOVAUT que era isso: organizar os estudantes e outros trabalhadores também que pudessem usar os ônibus que vinham para o congresso da une para fazer um encontro paralelo. Mas eram atividades pontuais, o trabalho cotidiano mesmo era feito só pela organização.

4) QUAL É OU QUAL FOI A IMPORTÂNCIA DA COPOAG PARA O ANARQUISMO EM GOIÁS?

Eu não sei se teve importância, porque eu tento avaliar esse boom que o anarquismo teve mais crescente, em 2013 acho que teve uma influência do anarquismo, autonomismo, dos princípios que a gente carregava na luta, de horizontalidade, ação direta, combatividade, classismo… Esses princípios explodiram nas lutas mais recentes, e eu vejo que mudou muito a realidade estudantil, muitos jovens identificaram em Goiás, que tem essa tradição libertária - que é diferente de outros estados, por exemplo, você vai no Paraná, e não vê essa força toda, na verdade em vários outros estados - em Goiás realmente se tem uma força libertária, mas eu não sei associar ao trabalho da COPOAG. A impressão que eu tenho é que é o fruto de uma outra geração mesmo, sabe?

Porque a COPOAG cometeu, não sei se foi um erro, mas a COPOAG no final - ela até acabou por conta disso - foi uma crise. Alguns militantes achavam que a gente devia abandonar por completo o trabalho estudantil da universidade, e que a gente devia atuar só nas categorias marginalizadas. Eu defendi isso, por exemplo. E uma galera da frente estudantil sobrevalorizava o trabalho com os marginais, com os trabalhadores marginais, e deixava de lado a propaganda anarquista, fazia um trabalho muito de luta popular concreta e não se prezava o

papel da importância da propaganda, da divulgação e tal. Tanto que o pouco material de propaganda que a COPOAG fez - ela não era uma organização muito de propaganda - foi feito por essa galera, que tinha essa pegada que falava "Olha, não pode deixar a propaganda''. Enquanto a frente mais dos catadores, a frente de trabalho menosprezava mesmo a propaganda, o que na minha opinião também foi um erro.

E aí essas coisas foram evoluindo para um racha que acabou com a organização, e nesse racha já estava o predomínio da nossa ideia de não atuar no estudantil.

A COPOAG deixou um vazio muito grande, sabe? Na universidade ela teve uma atuação, mas ela largou essa atuação na universidade. Ela continuou com o contato com os trabalhadores marginais, mas isso fez com que, na época não tinha internet nem nada, então a gente acabou ficando completamente desconhecido durante muito tempo. Os estudantes que surgiam na universidade não tinham mais uma organização anarquista que estava lá, representando uma concepção ou uma linha de atuação. Então, muita gente nessa época, nesse período, teve mais o MOVAUT como referência do que o - na época eu nem sei se era o MOVAUT, se era o Movimento Conselhista ainda, qual era o nome - do que propriamente a COPOAG.

Eu acho que a COPOAG, ela tomou uma decisão não consensual de priorizar, de não atuar na universidade, por achar que a universidade tinha um caráter muito elitista, de disputa política, que não era o perfil de militantes que a gente queria construir, e isso acabou deixando de ter uma referência no meio universitário do anarquismo. Ficou durante muito sem referência do anarquismo, até o surgimento de um pessoal que construindo foi construindo a RECC e alguns deles eram anarquistas. Mas isso foi muito tempo depois.

Então, assim, eu não sei se a COPOAG deixou essa referência de fato, não vejo uma continuidade. Não foram os trabalhos da COPOAG que produziram o que existe hoje referente ao anarquismo. Mas talvez tenha deixado coisas que não morrem, eu acho que o trabalho de base que ele tem feito não morre. Muitos laços que foram construídos com a classe trabalhadora pelo trabalho de base pela COPOAG. Esses laços, eles estão sendo hoje todos rearticulados, então assim, querendo ou não, o trabalho não morreu, mas não enquanto anarquismo, mais em atuação popular, uma forma de luta popular, com princípios de horizontalidade, autogestão, de ação direta, do que propriamente referência do anarquismo. Acho que isso a COPOAG negligenciou.

O anarquismo não existe mais como ele existia no início do século. Existe uma vontade de trazer o anarquismo enquanto uma experiência popular de novo, mas isso pertence à história, né? Existe um esforço de militantes e organizações anarquistas para construir essa referência, mas igual a gente tinha um anarquismo no seio da classe trabalhadora, milhares de trabalhadores se identificando, divulgando o anarquismo, divulgando o anarquismo, usando como método de luta cotidiana, isso não existe mais. Isso é uma questão pra gente pensar também: até que ponto as ideologias ou as teorias não pertencem a um tempo histórico, e o esforço de resgatá-las às vezes é mais pesado do que simplesmente conseguir uma nova referência de luta popular;

Porque, o que interessa não é ser anarquista ou não. O que interessa é se o método da classe trabalhadora, de organização, de luta é capaz de libertá-la ou não, dessa exploração, desse sofrimento… enfim, eu sei que eu não respondi, mas eu tenho dúvidas sobre isso. Eu acho que na verdade existe um vazio nessa geração, talvez mais fruto de outros elementos do que propriamente de um trabalho da COPOAG.

5) AINDA EXISTEM ATIVIDADES DA COPOAG? E, SE NÃO, QUANDO ELA DEIXOU DE EXISTIR?

Então, acho que ela deixou de existir em 2007, se eu não me engano foi 2007 a ruptura e o fim. Houve uma divisão bem pesada - já tinha acontecido essa divisão no Rio Grande do Sul, muito parecida com a que ocorreu aqui. Tinha o pessoal da frente estudantil e da frente de catadores do Rio Grande do Sul que divergia sobre os rumos. A frente de catadores do Rio Grande do Sul era acusada até de "anarcocatadorismo'', tudo que eles faziam tinha sempre um grande movimento, um movimento de ação direta, combativo e tal, e desprezavam a propaganda anarquista e outras atividades que uma organização anarquista tem que fazer. Por exemplo, uma coisa é o nível social, a luta popular, outra coisa é uma organização anarquista que além da própria luta popular, que é feito por trabalhadores, ela também atua em outros níveis, o nível da propaganda, e o nível também do combate ideológico, a ideologia burguesa cotidiana tem sim que combater, até pra que não ocorra de, no seio da classe ela avançar, e um combate também de construção de poder armado. A organização anarquista sempre teve esse papel de

construir um nível armado, de autodefesa da classe trabalhadora. A gente sabe que sabe que no movimento popular aberto isso não se pode construir, isso era tarefa da organização anarquista.

Nunca houve condição de fazer isso no Brasil, assim, essa geração dos anos 90 não teve condição de fazer isso, de construir um poder armado, e tal. Mas ela sabia que não tem organização revolucionária séria se não se tem organização de autodefesa. Então existiam vários níveis que alguns companheiros da organização cobravam. A gente que estava num nível mais popular, de atuação popular, menosprezava talvez por uma exaltação pelo momento de grande crescimento do movimento popular, que a gente estava atuando.

E a gente acusava o pessoal da frente estudantil de ser idealista, de valorizar, de colocar de pé de igualdade um trabalho intelectual com um trabalho da luta dos trabalhadores de prática, que tá alcançando a auto-organização, que tá gerando consciência popular, que tá gerando mudança para vida do cara mesmo, conquistas reais e tal. Então eu lembro que a gente usava esse termo, a gente chamou de idealismo, e isso era muita agressividade, chamar de idealista, porque todo mundo se definia como materialista e tal, uma "análise materialista da realidade" e blábláblá. Então, chamar os caras de idealistas e falar que eles partiam da ideia pra prática, era bem agressivo. Me arrependo muito dos termos que a gente usava, a arrogância também.

É isso, a divergência central foi essa, a gente não teve estrutura para aguentar essa divergência, chegou o momento que cada um queria fazer uma coisa diferente, a gente queria mesmo era construir um movimento proletário mesmo, fodido, marginal, e os caras queriam criar uma organização anarquista mais sólida, que atuasse em todos os níveis da classe trabalhadora, inclusive na frente estudantil.

Eu acho que eles estavam corretos em algumas coisas, a gente estava correto em outras, mas foi isso que acabou com a COPOAG, ela nunca mais voltou a existir. Desde então a gente tem um vazio de organização anarquista em Goiás.

Que eu saiba, houve uma tentativa de reconstrução da COPOAG, por um pessoal mais novo, que não era da época, mas não deu certo também. E pelo que sei, não mais se construiu uma organização anarquista em Goiás. Que eu conheço, sei que têm grupos de estudo, existem anarquistas, existe atuação no movimento popular, existem organizações que querem se tornar organizações de massa, mas não se pretendem ser organizações anarquistas. Mas organização anarquista mesmo acho que não. Nunca mais teve em Goiás.

6) NA TENTATIVA DE REERGUER A COPOAG, HOUVE ALGUMA ATUAÇÃO NAS MANIFESTAÇÕES PELO TRANSPORTE EM 2013?

Então, depois que ela acabou em 2007, eu acho que foi justamente em 2013 que teve uma galera que tentou mesmo construir, mas ela não chegou a existir. Eu lembro que teve um grupo de pessoas que me chamou pra uma reunião que seria dessa COPOAG, em que eles estavam tentando reconstruir a COPOAG. Nenhum deles tinha participado da COPOAG, mas eles estavam resgatando a COPOAG mais como uma referência. Engraçado, né? Eu falei que ela não deixou referência, mas talvez até tenha deixado porque uma que atuava na luta em 2013 tentou reconstruir a COPOAG, achava importante reconstruir e queria o nome COPOAG como referência histórica e tal.

Não sei, talvez seja um pouco sinistro com nossa própria história, não sei. Mas realmente teve esse pessoal, eu fui numa reunião com eles, eles estavam me perguntando assim "como era a COPOAG'', que eles estavam tentando reconstruir, o que eu achava da reconstrução, e se eu tinha interesse em participar. Eu falei que não tinha interesse em participar, achava muito massa eles tentarem reconstruir, continuava achando importante uma reconstrução de uma organização anarquista, naqueles moldes da COPOAG, com algumas divergências que eu tenho hoje do que a gente pensava antes mas nada muito central, mas que eu não tinha interesse naquela época de participar.

Eu sei que o grupo chegou a fazer uma… eu estava num ato em 2013 eles chegaram a divulgar um panfleto com nome de COPOAG já, e depois morreram. Eles criaram a página no Facebook, mas morreu, então assim, ela não voltou a existir, ela não chegou a existir efetivamente. Houve uma tentativa, mas não conseguiram. Então assim, eu acho que a COPOAG não teve atuação nenhuma em 2013, o que teve foi: militantes de 2013 que estavam ativamente em 2013 tentando reconstruir a COPOAG, mas acabaram desistindo. Não sei por qual motivo, não sei se tinha gente interessado... Eu sei que uma das pessoas mais estavam interessados em construção da COPOAG

acabou bem rompendo, com o tempo, com essa concepção de anarquismo. Ele começou a fazer críticas ao Bakunin, críticas a essa concepção mais dura do anarquismo clássico e tal, e aí acabou com outra ideia de anarquismo, talvez isso possa ter influenciado também.

Mas eu não tenho impressão que eles não atuaram 2013 assim, enquanto organização anarquista.

7) VOLTANDO À QUESTÃO DA ATUAÇÃO DA COPOAG COM OS TRABALHADORES MARGINAIS, VOCÊ PODE FALAR UM POUCO SOBRE COMO ERA ESSA ATUAÇÃO?

Sobre a movimento marginalizado, os trabalhadores marginalizados, hoje eu tenho essa crença, né, assim, toda a experiência que eu tive de militância, é onde os princípios do anarquismo fluem naturalmente assim, naturalmente, sem precisar falar de anarquismo.

Mas, tudo que o anarquismo passa pra luta popular, esses trabalhadores marginalizados carregam muito na sua vida.

Há um negação profunda dos políticos, muita experiência de filha da putagem com a política e de políticos, há um desprezo dos políticos por essa classe também, porque aí os partidos, e não só os partidos - essa é uma crítica que eu tenho feito ultimamente - o pensamento revolucionário hoje, ele é um pensamento que, nós queiramos ou não, ele não está mais, ele não está no seio do proletariado, pelo ao menos o proletariado marginal, como ele esteve no final do século XIX e início do século XX. E hoje ele ressurgiu, ainda há uma minoria - mas sempre uma minoria né - não é mais um movimento de massa, uma minoria nos seios onde há intelectualidade. No meio Universitário, nos meios intelectuais artísticos, culturais... Todos esses, de algum modo com alguma influência desse pensamento mais progressista ou pelo ao menos de - e às vezes menor ainda - de pensamento revolucionário.

Então, o fato disso acontecer, o fato dos partidos serem constituídos basicamente no meio universitário, ou numa aristocracia operária [categorias de classes de trabalhadores com maiores salários, com maiores garantias, que já desenvolveram o que o Bakunin chamava de "instinto de propriedade" - já tem carro, já tem casa, já tem condições melhores] tudo isso amansa muito pensamento, numa análise bem materialista, isso amansa o pensamento, amansa a disposição de enfrentamento, de combate, o ódio, a raiva, a vontade de destruir, a vontade de uma transformação radical, sabe? Um ódio sobre esse sistema…

E no trabalhador marginal isso está presente o tempo inteiro. O trabalhador marginal, pela própria vida, pela experiência, pega ressentimento desse mundo. E é uma questão de sobrevivência lutar, se organizar pra lutar. Não é por ideal que ele se organiza e luta. É diferente de você chegar num pessoal e as pessoas terem que desenvolver um ideal humanista para se organizar, pra lutar por uma causa. No meio proletário marginal não. A organização se torna uma questão de necessidade de sobrevivência. Então, ela se multiplica muito rapidamente, ela tem todo esse potencial de organização, tem necessidade de tudo também, não falta motivo pra lutar, pra se organizar. necessidade pra avançar, pra fazer as coisas e tal. Acaba criando essa dinâmica cotidiana, militância bem cotidiana diária, bem viva, é a vida das pessoas mesmo.

No movimento dos catadores, por exemplo, isso foi na época que eu trabalhava como catador, e aí a gente montou uma cooperativa, e, um erro que você cometesse no cálculo ali da venda do material, não é assim, um erro no artigo, saca? É família que vai passar fome, saca? É muito real, muito vivo. E é o enfrentamento contra a polícia diário, né, quer dizer, marginalização, o trabalhador marginalizado, que enfrenta polícia… Então você vê que várias coisas que o anarquismo desenvolveu nessa categoria, que o anarquismo pensava, o Estado enquanto força repressiva da classe dominante, a crítica à classe política, crítica à política, crítica à propriedade… Tudo isso, o trabalhador marginal já carrega como um instinto. Às vezes não como consciência, às vezes ele pode até defender a estrutura do Estado, defender certas coisas e tal. Mas ele carrega um ódio, uma raiva, que, quando ele se organiza, ele tende a ser muito mais anárquico que qualquer anarquista que desenvolveu pelo livro, pela teoria. Os movimentos crescem rápido, se organizam rápido, assumem combatividade rápido, perto de qualquer outro meio que eu já pude atuar.

Seria mais ou menos por aí. Por isso eu ainda tenho uma crença muito grande nesse viés da atuação da classe marginalizada.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 4 | Nº 11| Boa Vista |2020

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima